



ENTRE SINAIS, TRAGÉDIAS E REFLEXÕES: O GEFPA COMO LUGAR DE ENCONTRO, DIVERSIDADE E CRIATIVIDADE

Paulo Willame Araujo de Lima¹

BETWEEN SIGNS, TRAGEDIES, AND REFLECTIONS: GEFPA AS A PLACE OF MEET, DIVERSITY, AND CREATIVITY

Resumo:

“Quem pisa na terra de meus ancestrais sente minha ira. Aqui, onde a raiz é forte, ninguém dobra.” É assim que fala uma das personagens da esquete “Raiz Quebrada”, adaptação da peça Gota D’Água, de Chico Buarque. Tal adaptação foi resultado de um processo coletivo de reflexão sobre o texto original, realizado nos encontros do GEFPA: Grupo de Estudos em Filosofia Prática e Acessibilidade. Este trabalho visa apresentar o GEFPA e sua potência na construção do pensamento crítico e no compromisso social, tendo a filosofia Política, Moral e Estética como conteúdo-base e a Acessibilidade Metodológica como diretriz pedagógica no planejamento dos encontros, que acontecem quinzenalmente. O GEFPA surge em uma escola regular de Pacajus-CE, com o interesse de produzir uma experiência educacional diferenciada: onde o processo de ensino-aprendizagem seja descentralizado, onde as demandas de interesse sobre o conteúdo estudado sejam construídas coletivamente e onde a reflexão filosófica não se limite ao campo abstrato da reflexão, mas chegue também em ações práticas efetivas e/ou em processos criativos que resultem das conversas e estudos realizados a partir da literatura filosófica, cultural bem como de outras mídias artísticas e pedagógicas que subsidiem os encontros do GEFPA.

Palavras-chave: Filosofia Prática 1. Acessibilidade 2. Teatro Filosófico 3. Pensamento Crítico 4. De(f)ormação 5.

Abstract:

“Whoever treads on the land of my ancestors feels my wrath. Here, where the root is strong, no one bends.” This is how one of the characters speaks in the skit “Broken Root,” an adaptation of Chico Buarque’s play “Gota D’Água”. This adaptation was the result of a collective process of reflection on the original text, carried out in the meetings of GEFPA: Study Group in Practical Philosophy and Accessibility. This work aims to present GEFPA and its potential in building critical thinking and social commitment, using Political, Moral, and Aesthetic Philosophy as its core content and Methodological Accessibility as a pedagogical guideline in planning the meetings, which take place every two weeks. GEFPA emerged in a regular school in Pacajus-CE, with the aim of producing a differentiated educational experience: where the teaching-learning process is decentralized, where the demands of interest regarding the studied content are collectively constructed, and where philosophical reflection is not limited to the abstract field of thought, but also reaches effective practical actions and/or creative processes resulting from conversations and studies carried out based on philosophical and cultural literature, as well as other artistic and pedagogical media that support the GEFPA meetings.

Keywords: Practical Philosophy 1. Accessibility 2. Philosophical Theatre 3. Critical Thinking 4. Dis(e)ducation 5.

¹Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), na linha de Subjetividade, Arte e Cultura. Arte-educador no Coletivo Kintal de Afetos e Professor de Filosofia na SECULT-CE.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5527-539X>

1. INTRODUÇÃO

A EEM. Dione Maria Bezerra Pessoa possui uma comunidade escolar com muita diversidade, participação e colaboração junto à instituição de ensino em questão. Estudantes atletas, artistas, trabalhadores, pessoas com deficiência (PCDs), LGBTQ+, negros, dentre várias outras identidades. O GEFPA surge com o interesse de juntar toda esta diversidade em um só espaço e produzir uma experiência educacional diferenciada: onde o processo de ensino-aprendizagem seja descentralizado, onde as demandas de interesse sobre o conteúdo estudado sejam construídas coletivamente e onde a reflexão filosófica não se limite ao campo abstrato da reflexão, mas chegue também em ações efetivas e/ou em processos criativos que resultem das conversas e estudos realizados a partir da literatura filosófica, cultural e de outras mídias artísticas e pedagógicas que subsidiam os encontros do GEFPA.

O objetivo geral do GEFPA enquanto projeto é promover o encontro, o estudo, a reflexão e a criatividade através das referências filosóficas da tradição da filosofia prática, ou seja, atrelada à Ética / Moral, à Economia / Política e à Estética / Filosofia da Arte. Para tanto, de modo mais específico, tem algumas ações e compromissos que o projeto assume. São eles:

- Realizar encontros quinzenais e/ou semanais durante os contra-turnos da Manhã e da Tarde;
- Funcionar em regime semestral, com certificado de participação para pessoas frequentes na rotina dos encontros por turno;
- Focar em demandas diferentes por semestre: no primeiro semestre do ano, acompanhar as demandas de projetos como o SuPCDs (que envolve a produção literária com estudantes laudados), o Lideranças do Presente (que envolve formação política ligada à história do movimento estudantil no Brasil, para os estudantes eleitos líderes de sala e interessados em compor chapa de candidatura para a gestão do Grêmio Escolar) e como o Projeto Mundo Grego (que é um projeto transdisciplinar, envolvendo as disciplinas de Linguagens e Códigos e Ciências Humanas através da literatura teatral da Grécia Clássica, em conexão com o contexto contemporâneo brasileiro);

Já no segundo semestre do ano, o GEFPA tem como compromisso conhecer e usar os recursos de acessibilidade comunicacional como LIBRAS, Audiodescrição, Braille, Legendas e Peças Táteis; unir

públicos diversos entre estudantes, funcionários, ex-alunos e familiares de estudantes que despertem interesse nos estudos praticados durante os encontros e no uso dos recursos de acessibilidade na vida social cotidiana.

O objetivo deste trabalho é, antes de qualquer coisa, apresentar o GEFPA como uma possibilidade viável e transformadora da realidade social que perpassa as escolas. Não é interesse fazer deste projeto e de suas ações um rígido modelo de ação pedagógica. Longe disso, este texto deseja apenas abrir portas e janelas nas paredes metodológicas e programáticas que as escolas públicas brasileiras da atualidade vivenciam a respeito, por exemplo, das composições curriculares, dos alcances de públicos estudantis diversos e do desenvolvimento da autonomia estudantil no processo de ensino-aprendizagem. Daí em diante, toda convergência com o GEFPA não terá relação alguma com uma cópia fria, mas sim vai poder reverberar ideias e adaptações de acordo com as demandas e realidades de quem assim quiser construir outros modos de ser e fazer a educação básica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O GEFPA - enquanto projeto formalmente registrado no plano político-pedagógico da EEM Dione Pessoa - é um projeto já em exercício desde o primeiro semestre de 2024 e tem se tornado um espaço importante de encontro e de fortalecimento de demandas educacionais apresentadas não só pelos próprios estudantes, como também por parcelas significativas da comunidade escolar - como funcionários e ex-alunos. É neste contexto que um grupo diverso está podendo começar ou aprofundar os estudos na LIBRAS, por exemplo. Também em autores clássicos da Filosofia Ocidental, bem como autores novos e críticos da tradição europeia da Filosofia.

É no GEFPA também que estudantes, principalmente do Primeiro Ano do Ensino Médio, estão tendo tempo e acompanhamento filosófico adequado para estudar textos teatrais com a profundidade necessária para protagonizarem a adaptação dessas obras cênicas em esquetes que comuniquem não só sobre a obra adaptada, mas também sobre a realidade contemporânea e presente no entorno da comunidade escolar. É isto que vem acontecendo com as equipes de dramaturgias que vem acompanhando o GEFPA através do projeto Mundo Grego.

Um outro processo relevante que o GEFPA tem fortalecido é o processo de escrita criativa que os

estudantes com deficiência têm protagonizado através do projeto SuPCDs, que está construindo uma história fictícia sobre super heróis com deficiência que lutam contra grandes problemas sociais que causam exclusão e capacitismo.

Neste processo de criação e adaptações pedagógicas do GEFFA, algumas referências teóricas subsidiam as investidas metodológicas e os processos criativos. Uma das grandes referências é a ativista PCD Itxi Guerra, que em seu livro-manifesto intitulado "Luta contra o capacitismo: anarquismo e capacitismo", publicado no Brasil pela editora antifacista "TerraSemAmos". Neste texto, após explicar que não existe apenas um entendimento cristalizado para definir o que é deficiência, mas sim uma série de modelos da deficiência, os quais ela apresenta e critica cada um, desde o modelo biomédico, passando pelo modelo religioso, o modelo eugênico, até o modelo social da deficiência; a autora se posiciona em defesa do modelo radical da deficiência, sobre o qual ela diz que o modelo radical tem a deficiência deficiência como uma construção social, uma invenção das estruturas de poder que forjam a deficiência como um sistema de opressão.

Segundo Guerra, o modelo radical afirma que a deficiência é definida pelo grupo opressor, ou seja, as pessoas sem deficiência. São estes opressores, por sinal, que primeiro articulam a opressão contra as PCDs com outras opressões:

criando uma ideia intersetorial de deficiência. Afirma que todas as opressões (sexo, raça, orientação sexual...) em algum momento da história também foram consideradas deficiências. Está muito centrada na desconstrução da ideia de normalidade, bem como na reivindicação de justiça, o que é chamado de "disability justice". [...] A novidade deste modelo é que ele convoca uma resposta política. Não considera que exista uma deficiência nos corpos e mentes dos deficientes, uma vez que sua ideia é destruir a normalidade. Tudo isso tem o objetivo de alcançar a transformação social através da ação coletiva. Um ponto muito importante do modelo radical é o uso da linguagem, usam palavras que têm sido utilizadas como insultos para reapropriá-las e ressignificá-las. (GERRA, Itxi. 2021, p. 15. Grifo Nosso)

Resgatar a ideia de normalidade aqui para se contrapor a ela é lembrar que a norma, o padrão, o modelo também é uma invenção, pois não há nada de natural no campo da cultura - enquanto produção coletiva e humana no seio da sociedade. Tudo que é criado, compartilhado, lembrado ou esquecido, valorizado ou abandonado na experiência coletiva vai formando os precedentes, as tradições e as rupturas que estruturam as relações sociais. Neste sentido, a norma é

uma invenção forjada para traçar uma linha divisória entre quem detém o poder de dominação e quem está sujeito às investidas desta dominação - seja para submeter-se ou para rebelar-se.

Aos que se submetem, o fazem tendo em vista o interesse de compor a norma, de participar do padrão, de pertencer à narrativa hegemônica que conserva o poder e, conseqüentemente, conserva consigo a régua do que é certo e do que é errado. Aos que se rebelam, o sistema opressor - com toda sua estrutura de poder que se organiza em diversas camadas de opressão que vai desde o silenciamento, o apagamento, a deslegitimação do discurso até à exclusão da convivência e à negação da vida - certamente este sistema se comprometerá com o sufocamento da insurgência. Se colocar na contramão da normalidade é - pode-se dizer como consequência, em um país forjado na mão-de-ferro da colonização - se colocar contra a colonialidade.

A busca por uma "disability justice", a qual o podemos traduzir, em um sentido brasileiro como uma "justiça Def" ou uma "justiça aleijada", não pode ser um mero exercício retórico. Precisa ser uma prática diária e coletiva. Precisa começar das bases, de forma insurgente, e cobrar coletivamente das pontas do poder hegemônico as condições necessárias para o exercício desta justiça que veja na diferença a própria métrica necessária para ponderar o nível de atenção, suporte e reparação que cada demanda pessoal ou social apresenta. Isto vale tanto para contextos jurídicos como também deve ser uma orientação importante para o exercício do poder no contexto escolar, posto que na estrutura hegemônica - principalmente no contexto da escola pública - existe sim um parâmetro normativo das hierarquias de poder entre Gestão > Professores > Funcionários > Estudantes > Comunidade Escolar.

A respeito dos desafios de lidar com essas hierarquias - que tem desdobramentos inclusive nas metodologias e conteúdos praticados no contexto escolar, cabe lembrar das dicas fortuitas do arte-educador, professor e filósofo brasileiro Augusto Boal, quando nos lembra em seu livro "Estética do Oprimido" que a palavra, a imagem e o som, foram formas e conteúdos instituidores e mantenedores de opressões. E que é necessário descolonizar tais recursos, tornando-os também ferramentas para práticas de emancipação coletiva. Nesta disputa de narrativas que constroem e dominam o mundo através da atribuição de sentidos, Boal nos lembra da importância estratégica da arte neste processo:

Sem exageros catastrofistas, estamos mergulhados na Grande Guerra Mundial da Des-comunicação, insidiosa e sub-reptícia, quinta-coluna onipotente e onisciente. O

palco como na plateia. É o encontro das intenções diversas que criam o sentido comum da cena. E é este sentido comum que comunica - seja para valorizar, homenagear, criticar, denunciar ou anunciar os dilemas e as transformações sociais.

Por fim, esta conexão forte do GEFPA com as artes cênicas e literárias vem também da forte influência do Professor e Arte-educador Nágilo Menezes, que em seu processo criativo para a escrita de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Teatro, realiza um experimento cênico - ainda em 2023, com colegas professores, a partir da dramaturgia de Bertolt Brecht, levantando inquietações, insatisfações e desejos profissionais e políticos de professores diante a rotina exaustiva e desrespeitosa que professores e professoras, no geral, vivenciam no exercício de suas profissões.

Em seu TCC - defendido em 2024, em uma noite que tristemente coincide com o dia em que a escola sofreu um atentado que colocou em risco a vida de muitos profissionais e estudantes - Menezes registra o espírito do que na prática já vinha sendo praticado desde 2023, com sua pesquisa conectando o teatro político brechtiano e seus colegas professores, bem como com a criação e execução das primeiras edições do projeto Mundo Grego, que se inicia em 2023, através de uma colaboração entre as disciplinas de Artes e Filosofia, passando no ano seguinte a contar com a presença de outras disciplinas - como História e Português. Em seu texto, fica nitido a sua compreensão de que um duplo do teatro é exatamente sua força política:

Pensar política no teatro é partir do princípio que o corpo é político, o cabelo é político, tudo é político, e principalmente pensar que o político não substitui o estético. Entender que o teatro é lugar de observação da sociedade e que uma peça, uma cena, uma performance dentre outras formas podem chegar nesse espaço de percepção do que está se vivendo. Assim, podemos compreender que partindo dessas acuidades oriundas das pessoas, torna-se interessante saber a mobilização que o teatro produz em cada ação e dessa maneira instigar a sociedade ao entendimento da expressão proposta pelo autor. (MENEZES, Nágilo. 2024, p.28)

O GEFPA, antes de estar sistematizado como um grupo de estudos dentro de uma instituição de ensino, nasce de modo orgânico, como um acompanhamento crítico-reflexivo de processos criativos no projeto Mundo Grego. Quando, só depois, a comunidade escolar - especialmente ex-estudantes (de modo mais corriqueiro o concludente do Ensino Médio, Kauan Paulino) e funcionários da escola (de modo mais presente, a secretária Paula Izabelle), cobram e colaboram para a

criação de um espaço de encontro, trocas de referências, compartilhamento de processos criativos que vinculasse principalmente o estudo de Filosofia e da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. É assim que, em 2024, surge de forma sistematizada o projeto GEFPA, que no plano político pedagógico da escola está registrado da seguinte forma:

O Grupo de Estudos em Filosofia Prática e Acessibilidade (GEFPA) é um espaço para criação e aplicação de novas metodologias de ensino-aprendizagem que exercitem a Acessibilidade educacional e cultural em suas diversas frentes: atitudinal, comunicacional, estética e metodológica, por exemplo. Tem como objetivo criar maior interação entre professores e estudantes durante encontros periódicos para compartilhar leituras, interpretações e proposições a respeito de referências filosóficas e acessíveis sobre Ética/Moral, Política, Arte e Cultura, do Erudito ao Popular, do Clássico ao Contemporâneo, do Técnico ao Artesanal. (EEM DIONE PESSOA, 2025, p.19)

3. METODOLOGIA

A metodologia que o GEFPA aplica em seus encontros se relaciona com práticas metodológicas paulo-freireanas - de uma educação crítica e libertadora - em diálogo com metodologias de trabalho oriundas da Acessibilidade Cultural, principalmente das pesquisas e produções culturais realizadas pelo Coletivo Kintal de Afetos. Deste modo, o processo se dá pelo alinhamento dos encontros do GEFPA com o calendário escolar, de modo que haja primeiramente uma proposta inicial feita pelo professor coordenador do Grupo, de conteúdos a serem estudados, mas que haja também abertura para proposições e realizações dos participantes do grupo, onde o professor segue acompanhando como mediador, facilitador e também como aprendiz, numa relação dialógica, onde o professor também aprende com os estudantes durante a rotina dos encontros.

Como rotina de processo temos, a cada semestre, um novo ciclo que consiste em atender as seguintes etapas:

1. Divulgação das inscrições indicando turnos, dias, horários e datas do primeiro encontro presencial.
2. Realização dos primeiros encontros por turno, considerando o calendário escolar.
3. Adaptação da rotina por semestre.
4. Atividade de conclusão do semestre.
5. Entrega dos certificados de participação.

objetivo claro dessa nova modalidade de guerra é o domínio, não de territórios geográficos, mas de cérebros. É neste campo de batalha que se deve situar a Arte Popular. Todas as Artes. Temos que ser aliados nesta guerra contra o fascismo do discurso unívoco. Os adeptos da globalização econômica desejam o monopólio cinematográfico, fonográfico e de todos os meios de comunicação para que nos possam impor suas idéias e desejos, fazendo-nos crer que são nossos desejos e idéias. Temos que lhes impor uma outra Globalização: somos Sujeitos! O teatro é também um meio de comunicação, embora mais complexo do que o simples noticiário radiofônico. (BOAL, 2009, p.24* Grifo nosso)

Quando se fala neste texto sobre a necessidade de uma "de(f)ormação" (o que propõe-se uma tradução para o inglês como "dis(e)ducation", tentando preservar a etimologia do termo forjado em português), o que se busca é ter uma expressão que possa - nela mesma - evidenciar a necessidade de um desmonte da norma, da escolha de lado nessa nova modalidade de guerra.

Uma de(f)ormação é uma formação que tem como matriz metodológica a observação da cultura Def, ou seja: que está atenta a ao modelo radical da deficiência que entende a deficiência como uma sistema intersectorial (ou poderia-se ainda dizer com os movimentos identitários e críticos: um sistema interseccional, encruzilhado) com as demais formas de opressão, entendendo que todo sujeito é complexo, composto por camadas diversas, como por exemplo: raça, classe social, gênero, sexualidade, territorialidade. Portanto, falar de deficiência não deveria ser sinônimo de falar de lesão. Falar de deficiência é falar de diferença social que sofre exclusão e desigualdade.

O (f) entre parênteses - na composição do termo "De(f)ormação" indica essa intersecção entre a expressão Def (tal como o movimento das pessoas com deficiência tem utilizado, principalmente no contexto cultural, para se referir à uma percepção comum da realidade que atravessa aqueles e aquelas que experimentam o mundo mediados pela camada identitária da deficiência. Mas seu isolamento da primeira sílaba (De) também busca evidenciar a presença do mesmo prefixo que marca uma vertente teórica crítica aos efeitos da colonização, vertente essa da qual nos aproximamos na medida mesma da crítica e da proposição de alternativas na contramão da colonialidade (este efeito colateral da colonização na vida subjetiva, coletiva e simbólica dos povos que viveram o sistema econômico da colonização e que lidam ainda hoje com seus efeitos não só econômico, mas também educacionais, religiosos, estéticos, enfim: culturais. Estamos falando aqui da

"decolonialidade". Nos aproximamos deste pensamento decolonial do qual a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, quando nos alerta do perigo de uma história única - lembrete este que o próprio Augusto Boal já havia feito em sua Estética do Oprimido, quando fala da necessidade de criar aliados contra essa guerra fascista do discurso unívoco.

O teatro, para Boal, é lido como um meio de comunicação mais complexo exatamente porque ele se utiliza necessariamente da imagem, da palavra e do som para contar histórias. E nessa guerra que ele revela, um teatro comprometido com a emancipação do povo contra as opressões vividas deve levar em consideração a descolonização de todos os três meios de construção e compartilhamento de sentidos: imagem, palavra e som precisam constantemente serem reavaliadas e colocadas em xeque contra sua força colonizadora e em favor de sua potência libertadora também, pois há um muito de ambiguidade - que também podemos chamar de polissemia - na relação entre os significantes e seus significados. Este é um dos principais motores teóricos que sustentam a prática do GEFPA intimamente atreladas ao estudo de textos dramaturgicos e à experimentações cênicas.

Uma outra matriz referencial para a sistematização e a ampliação do GEFPA em todas as frentes de atuação dele - tendo como mote principal o contato com a literatura e com o teatro - é a influência da pesquisa doutoral que está sendo realizada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)² que também tem tensionado essa discussão teórica através do escritor e filósofo francês Jean-Paul Sartre que também vê na literatura e no teatro formas efetivas do artista / escritor / dramaturgo evocar a liberdade do leitor / espectador. A arte da escrita convoca à presença livre da imaginação, da produção de imagens e sons através de palavras. Cada história lida é uma história recontada a partir da base referencial de cada leitor e de suas inquietações (sejam elas pessoais ou coletivas, presentes ou passadas).

Um livro é um objeto cristalizado e sem vida enquanto estiver preso na estante. É o folhear de suas páginas - ou podemos dizer, com os audiobooks acessados pelo GEFPA - é a audição de cada frase que vai dando vida aos caracteres presos em cada linha. Do mesmo modo, um espetáculo só torna-se completo quando o público o assiste. O teatro - como todas as artes cênicas - é a arte da presença. Para que haja uma comunicação válida comprometida com a verdade da existência humana, é necessário haver presença tanto no

²Esta pesquisa está sendo realizada pelo Prof. Paulo Willame Araujo de Lima, na linha de Subjetividade, Arte e Cultura, com o título "Filosofia Dramática em Sartre: o teatro como crítica à moral. Previsão de término, entre o final de 2026 e início de 2027".

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A existência do GEFPA e suas atuações tem gerado impactos bem positivos com novas formas de compreensão da realidade e novos conhecimentos aplicáveis na vida social prática como, por exemplo, integrantes do Grupo iniciar uma conversa em LIBRAS com uma pessoa surda. Ou a melhor compreensão de conflitos sociais que estejam acontecendo ou já tenham acontecido, mas que deixaram desdobramentos históricos que de algum modo cruzam com a vida cotidiana das pessoas do Grupo.

Um outro impacto extremamente relevante tem sido na qualificação dos trabalhos desenvolvidos pelas equipes de dramaturgia do projeto Mundo Grego. Dentre estes impactos positivos, cabe destacar o texto de adaptação da obra dramaturgical de Chico Buarque e Paulo Pontes, intitulada "Gota D'água". Esta adaptação foi realizada pela equipe de Dramaturgia do 1º Ano-E, com a colaboração dos demais participantes do GEFPA, e contextualiza a releitura da tragédia de Medeia não mais para os morros do Rio de Janeiro (como fizeram os autores desta tragédia brasileira), mas sim para o quilombo de Pacajus, discutindo questões como pertencimento ao território, conflitos de interesses éticos e políticos, bem como a valorização da espiritualidade dos povos indígenas e africanos.

Uma outra montagem de espetáculo que não só o texto adaptado ficou muito bom, mas também a cena - lapidada também através de encontros do GEFPA - foi a adaptação da peça "Mãe Coragem e os Seus Filhos", de Bertolt Brecht, pois como avalia Jean-Paul Sartre, em seus textos do "Situations, IX",

Não se trata mais de contemplar a imobilidade de substâncias que são o que são, nem de encontrar as regras de uma sucessão de fenômenos. É sobre o homem - que é tanto um agente quanto um ator - que produz e atua seu próprio drama, vivendo as contradições de sua situação até a solução de seus conflitos. Uma peça (épica - como as de Brecht - ou dramática) é a forma mais apropriada, hoje, para mostrar o homem em ato (isto é, o homem, simplesmente). E a filosofia, de outro ponto de vista, é desse homem que ela pretende se ocupar. É por isso que o teatro é filosófico e a filosofia é dramática.»

O mito, marca secular da religiosidade popular grega, é aqui tido como uma marca da verdade expressa através do simbólico. Comunicar-se através de uma simbologia mítica é transpor os limites históricos da narrativa para identificar certo retorno da história, conectando assim passados e futuros no presente. O resgate do mito é o apelo à manutenção e valorização da

memória como estratégia de aprimoramento da consciência existencial, mas também estratégia de transformação da realidade social, através da tomada de consciência dos erros históricos passados e a busca autônoma pelo desvio dos mesmos erros.

É no resgate e atualização do mito da Mãe Coragem, comerciante imersa nas contradições morais e econômicas de uma guerra injusta, que jovens da turma 1ºD do Ensino Médio da Escola Dione Pessoa atualizaram os temas abordados pelo texto e, presentificando-os através da cena, transportavam a todos os espectadores para os conflitos injustos e letais entre Israel e Palestina, por exemplo - ocorridos durante 2025 - ano no qual ocorreram as duas produções cênicas aqui comentadas: a adaptação de Gota D'água (portanto renomeada como Raiz Quebrada) e a adaptação de Mãe Coragem.

Um outro processo de trocas de referências e experiências também merece destaque - agora referente ao segundo semestre de 2025 - onde os próprios participantes do grupo propuseram apresentariam um pouco dos livros que estivessem lendo - independente do gênero literário ou área de especialidade. Daí, cabem dois destaques de escolhas feitas de modo autônomo e de apresentações bem estruturadas e que fomentaram ricos debates.

O primeiro destaque foi a apresentação do livro "O Deus que destrói sonhos", do teólogo brasileiro Rodrigo Bibó. Esta apresentação foi feita pelo estudante - autista - Pedro Lucas Costa Lima, da turma do 2ºH, no ano em questão - mas que já acompanha o grupo desde seu primeiro ano na escola, em 2024. Nesta ocasião, tivemos a oportunidade de conversar sobre dilemas morais que atravessam as inquietações religiosas como a origem do mal, a autonomia das escolhas, as angústias marcadas pelas incertezas do futuro. E para tanto evocamos autores da tradição filosófica como Agostinho de Hipona e Soren Kierkegaard.

O segundo destaque, por sua vez, foi a apresentação do livro Dom Casmurro - de Machado de Assis. Este livro foi apresentado por Francisco Luis do Espírito Santo Filho, estudante do 1ºE, em 2025, negro, e um dos responsáveis pela adaptação original intitulada Raiz Quebrada. Na ocasião tivemos a oportunidade de discutir sobre os critérios para a instituição ou percepção de uma verdade, da influência das emoções na percepção do real, da narrativa em primeira pessoa como uma matriz de parcialidade, sobre a qual o discurso universalizante tende a questionar, dentre muitas outras questões que mobilizaram, por exemplo, autores como Nietzsche, Platão e Aristóteles. Abordar as inconcórdias do amor em Dom Casmurro foi um dos

maiores incentivos para terminarmos o segundo semestre do ano realizando como trabalho de conclusão do semestre um banquete de lanches compartilhados, onde foi trabalhado o livro O Banquete, de Platão, que tem o amor e a sabedoria como temas centrais e intimamente conectados.

Um outro resultado expressivo marcou os trabalhos do segundo semestre do GEFPA: tivemos alguns contatos e parcerias firmados com a Secretaria do Desenvolvimento e Meio Ambiente, da cidade de Pacajus, para - inspirados pelas pesquisas realizadas na Feira de Ciências DP Científico, podermos pensar estratégias de uma comunicação acessível com o em torno da comunidade escolar conscientizando para a responsabilidade coletiva a respeito do cuidado com o território e com a biodiversidade presente nele. Foi como desdobramento dessas conversas que o GEFPA construiu um banner para enviar à prefeitura, mediante ofício, solicitando impressão e fixação do mesmo em pontos estratégicos da comunidade no entorno da escola. Este processo de comunicação acessível levou organicamente o GEFPA a criar um perfil no Instagram, para se comunicar com as pessoas interessadas em interagir mais com as ações e reflexões promovidas pelo Grupo: @gefpa.dp.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros do GEFPA - previstos inicialmente para acontecerem quinzenalmente - eventualmente passava por períodos de encontros semanais, atendendo a demandas de reuniões e deliberações necessárias a respeito, por exemplo, dos ensaios para a culminância do primeiro semestre, com a apresentação cênica das adaptações literárias, ou mesmo diante dos encontros para debater sobre as questões ambientais que surgiram como desdobramento das pesquisas da Feira de Ciências e dos encontros com a Secretaria Municipal do Desenvolvimento e Meio Ambiente de Pacajus.

O que queremos com este artigo/relato de experiência é, na verdade, compartilhar! Compartilhar um pouco do que estamos construindo juntos e disponíveis ao risco da errância como parte do processo, como nos ensina Walter Kohan. O que queremos é dizer que certamente não é possível replicar tais experiências em contextos históricos, geográficos e sociais diferentes dos quais elas foram vividas. Mas a memória de tais experiências podem colaborar para o vislumbre da repetição de certos padrões ou consequências a partir de certas ações ou causas. Quem sabe das razões do que faz certamente saberá lidar com os desafios que lhe

aparecem. O que fizemos aqui foi o exercício de expressar quais as razões em destaque para fazermos o que fizemos e continuaremos a fazer, comprometidos com o mesmo projeto de sempre: uma transformação social que vise a emancipação contra a colonialidade imposta a nossos corpos, mentes e relações vitais

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALENCAR, Adália; BOTELHO, Adriana; BATISTA, Ana L.; SILVIA, Ana M.; NASCIMENTO, Benjamin; FILHO, João B.; SILVA José A.; RAMOS, Marcus; VELOZO, Maria Vitória; ROCHA, Roberta; OLIVEIRA, Lincoln. **Juazeiro Verde** - Ceará: Juazeiro do Norte, 2023.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Principis, 2019. (Clássicos da literatura mundial).

BIBO, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRECHT, Bertolt. **Mãe coragem e seus filhos: uma crônica da guerra dos trinta anos**. Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BUARQUE, Chico. PONTES, Paulo. **Gota D'água** - São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

KHOAN, Walter. **Paulo Freire, mais que nunca: uma biografia filosófica** - Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

PLATÃO. O Banquete; **Fédon; Sofista; Político**. Tradução de José Cavalcanti de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. **Situations, IX: mélanges**. França: Gallimard, 1972.